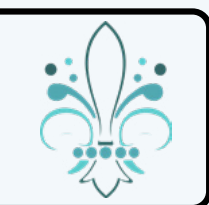




# LÍNGUA PORTUGUESA: FONÉTICA, FONOLOGIA E MORFOLOGIA

Sandra Mara da Silva Marques Mendes





## Sumário

### Apresentação

#### 1. A DUPLA ARTICULAÇÃO DA LINGUAGEM

#### 2. FONÉTICA

#### 3. FONOLOGIA

##### 3.1 Proposta de atividade

#### 4. MORFOLOGIA

#### 5. FALA E ESCRITA

##### 5.1 Proposta de atividade

### Referências





## Apresentação

Caro aluno,

este material foi elaborado para auxiliá-lo na compreensão dos estudos da produção dos sons da língua (Fonética), da organização desses sons de acordo com a estrutura da língua portuguesa (Fonologia) e da formação e classificação das palavras (Morfologia). Tem como objetivo associar os estudos dessas áreas ao ensino de língua portuguesa, apresentando os aspectos referentes à fala e à escrita que desencadeiam dificuldades no processo de ensino e aprendizagem da língua.

Para o professor de língua portuguesa, conhecer os aspectos fonológico, morfológico, lexical, sintático, semântico e pragmático é imprescindível, mas esse saber não é suficiente se a prática pedagógica não visar “[...] um trabalho mais racional, menos memorizante, através do qual o aluno possa apropriar-se das estruturas da língua com mais facilidade, já que poderá compreendê-la melhor.” (SIMÕES, 2006, p.15).

Neste material, apresenta-se propostas de atividades em que os aspectos referentes à Fonética, Fonologia e Morfologia são explorados em diferentes gêneros textuais.





# 1. A DUPLA ARTICULAÇÃO DA LINGUAGEM

Uma das características da linguagem humana é a articulação, o que a diferencia da linguagem animal, porque ela articula-se duplamente,

Os enunciados produzidos em uma língua não se apresentam como um todo indivisível. Ao contrário: podem ser desmembrados em partes menores, já que constituem o resultado da união de elementos, que, por sua vez, podem ser encontrados em outros enunciados. (MARTELOTTA, 2011, p. 37)

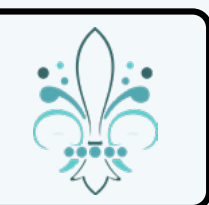
por isso pode ser dividida em partes, em unidades mínimas que compõem as sentenças da língua. Uma sentença como “As crianças gostam de doces” pode ser dividida em partes menores da seguinte forma:

**As / crianças / gostam / de / doces**

Essa divisão é realizada considerando as palavras, mas elas ainda são divididas em partes menores, seguindo os critérios da morfologia, pertencente à primeira articulação da língua. Fazendo a decomposição de cada uma delas, são identificadas unidades mínimas significativas que as compõem, denominadas morfemas:

**A/s crianç/a/s gost/a/m doc/e/s.**





O elemento -s indica plural nos vocábulos *as*, *crianças* e *doces*, chamado de *desinência*; o -a em *crianças* e *gostam* é uma vogal temática, responsável pela classificação das palavras em nomes e verbos, respectivamente, assim como -e em *doces* é uma vogal temática; *crianç-* e *gost-* são radicais, denominados morfemas lexicais, responsáveis pelo sentido da palavra.

Os morfemas identificam-se com radicais, vogais temáticas, prefixos, sufixos e desinências e constituem a menor unidade significativa da estrutura gramatical de uma língua.

(MARTELOTTA, 2011, p. 39)







Os vocábulos da sentença em questão são divisíveis em unidades menores, que distinguem uma palavra de outra, chamadas de fonemas, que são vocálicos e consonantais, pertencentes à segunda articulação (Fonologia) logo há seguinte composição:

***A/s c/r/i/a/n/ç/a/s/ g/o/s/t/a/m d/e d/o/c/e/s.***

Para exemplificar, é possível depreender os seguintes fonemas da palavra criança: /k/, /r/, /i/, /ã/, /s/, /a/ e da palavra doces: /d/, /o/, /s/, /e/, /s/. Caso ocorra a troca de /s/ por /t/ haverá distinção entre duas palavras: doces e dotes.

Esses fonemas são unidades de natureza diferente dos morfemas, pois fazem parte da estrutura fonológica das línguas.

São utilizados para formar o corpo sonoro do vocábulo e têm função distintiva, já que a troca de um pelo outro acarreta uma mudança no sentido da palavra.

(MARTELOTTA, 2011, p. 39)





## 2. FONÉTICA

Para saber quais são os sons da fala, como eles são produzidos, como se organizam na formação das palavras é preciso conhecer as subáreas da Linguística que estudam os sons: a Fonética e a Fonologia.

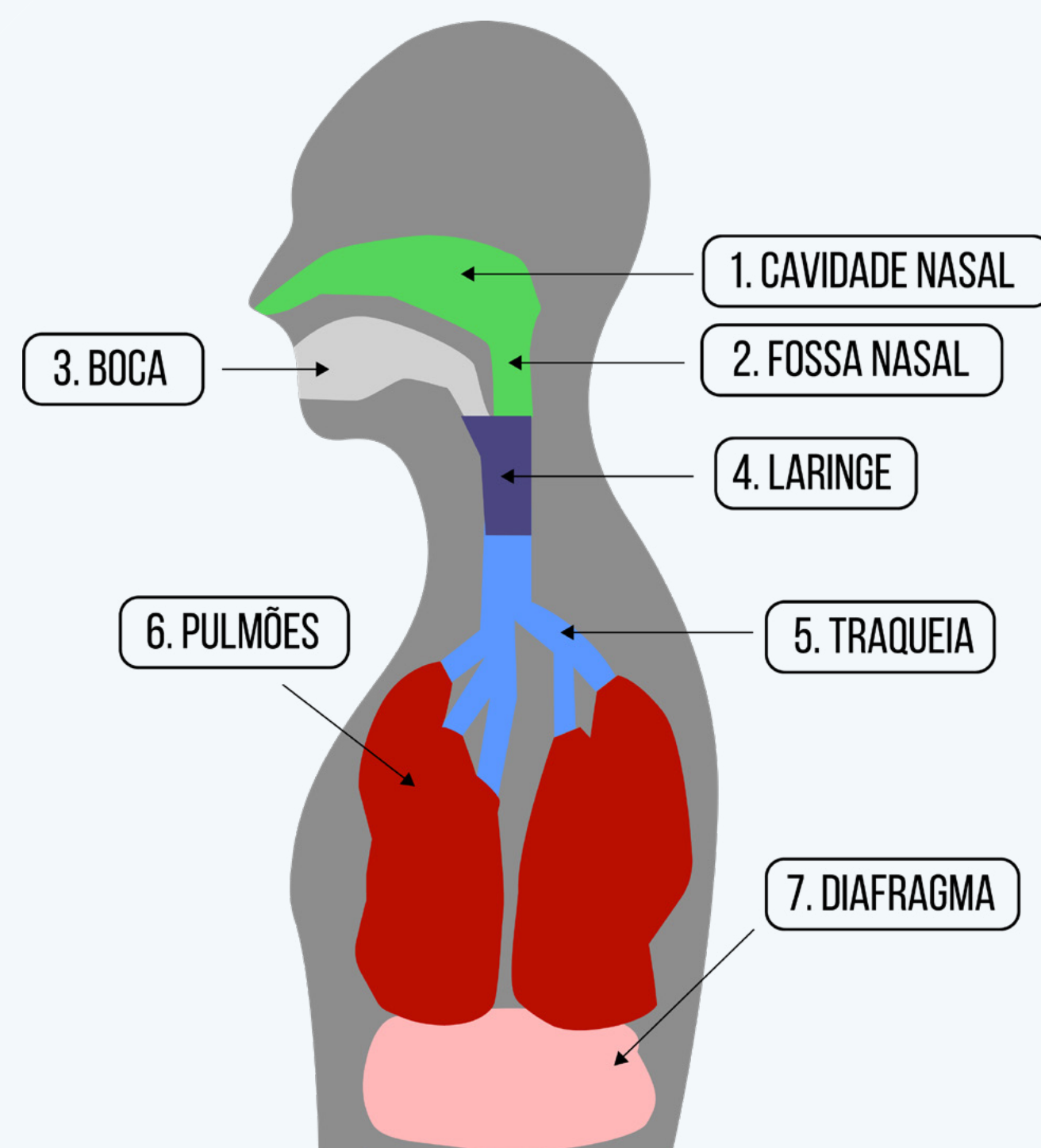
A Fonética é a área dos estudos linguísticos que se volta para a produção, recepção e transmissão dos sons das línguas naturais, descreve como os sons da fala são produzidos, classifica-os quanto ao modo e ponto de articulação, à abertura de boca, à vibração ou não das cordas vocais, à saída de ar da cavidade nasal ou oral.

A produção do som ocorre pela egressão/saída do ar. A corrente de ar passa primeiramente pelos órgãos do sistema respiratório, saindo dos pulmões, brônquios e traqueia, percorrendo a laringe, órgão do sistema fonatório, na qual encontra obstrução ocasionada pelas cordas vocais e a glote; por último, passa pelo sistema articulatorio, pela faringe e sai tanto pela cavidade oral como pelas fossas nasais, dependendo da posição da úvula, e ser produzido pelos órgãos articulatorios língua, dentes e lábios, como representado na figura 1.





**Figura 1 - Aparelho fonador**



**Fonte:** Elaboração própria.

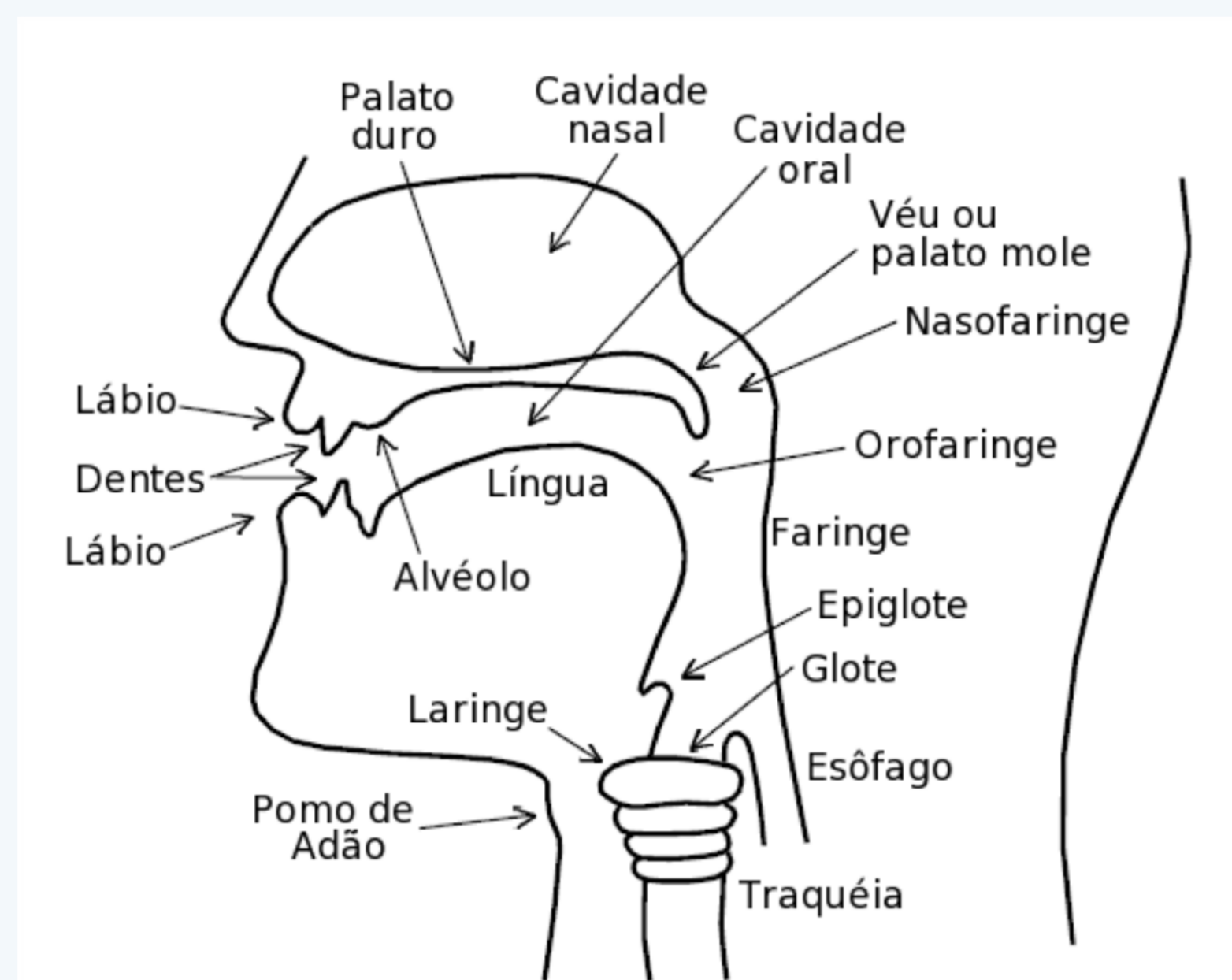
Também faz parte desse processo o movimento da mandíbula inferior em contato com a mandíbula superior, sendo que em cada mandíbula encontram-se os articuladores responsáveis pela produção dos sons, os quais se dividem em ativos e passivos.





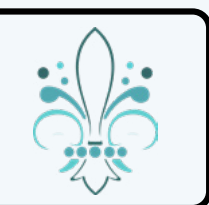
Os articuladores ativos são aqueles que se movimentam no ato da produção do som, como a língua, lábio inferior, véu palatino e cordas vocais. Os articuladores passivos são aqueles que não se movimentam durante a produção do som (lábio superior, dentes superiores, céu da boca dividido em alvéolos, palato duro, véu palatino ou palato mole e úvula), mas são tocados pelos ativos e encontram-se localizados na mandíbula superior e na parte posterior do palato.

**Figura 2 - Sistemas articulatório e fonatório**



**Fonte:** MATTOS J. S., 2008 *apud* SILVA M. A. B., 2010, p. 16.





Conhecer e reconhecer a articulação dos sons facilita o aprendizado da escrita, uma vez que no processo de alfabetização é comum a criança apresentar dificuldade em diferenciar sons homorgânicos, cuja articulação se diferencia quanto à vibração das cordas vocais, como é o caso do [t] e [d], ambos são dentais quanto ao ponto de articulação, são oclusivas quanto ao modo de articulação, mas [t] é desvozeado, sem vibração, e o [d] é vozeado, com vibração. Essa diferença mínima acarreta dificuldades no processo de escrita, já que na maioria das vezes, a criança escreve sem pronunciar as palavras, e quando o faz, é sussurrando, o que a impede de perceber essas distinções.

Além desse fenômeno, na escrita da criança ocorre representação de sons nasais que não correspondem à ortografia, fato relacionado à fala da criança. Dependendo da região, é possível as palavras *banana* / *morango* serem escritas de duas formas: *banãna*; *bãñãna* / *morango*; *mórángo*.

O professor diante dessa situação, precisa recorrer aos aspectos da variação fônica e perceber que o primeiro [a] da palavra *banana* apresenta o alofone [ã] e o [o] de *morango* apresenta alofone [ɔ]. Essas são alofonias possíveis no português brasileiro, principalmente por falantes da região norte e nordeste do país.

Esse fenômeno leva para sala de aula questões relacionadas à diferença entre fala e escrita e variação linguística, sobre as quais se discorre adiante.







### 3. FONOLOGIA

A Fonologia prioriza os sons da língua e como eles se organizam no sistema de cada uma, na formação das sílabas, morfemas e palavras, estuda a relação existente entre os fonemas e os símbolos gráficos que os representam segundo as regras do sistema ortográfico. O “critério fonológico [...] rege a nossa escrita, procurando representar aproximadamente os fonemas pelas letras e dividindo as suas sequências de acordo com as sílabas.” (CÂMARA JR. , 1999, p. 65)

Conhecer os estudos da Fonologia subsidia a prática pedagógica do professor, que auxiliará o aluno, no processo de aquisição da língua escrita, a desenvolver a consciência fonológica caracterizada pela capacidade de conhecer como os sons da língua se organizam, seguindo estruturas silábicas e regras ortográficas na constituição de uma palavra.

Segundo Simões (2006),

[...] a lingüística moderna e a psicologia têm trazido substanciais contribuições para o processo de ensino-aprendizagem da língua, reservando a aprendizagem das formas gráficas do uso-padrão para um estágio posterior ao processo de letramento – ou aprendizado do código escrito. Até mesmo em relação ao aperfeiçoamento do domínio do vernáculo, vê-se que a conquista das formas gráficas é algo paulatino e decorrente. (SIMÕES, 2006, p. 49)



Isso deve-se à complexidade, segundo Simões (2006), de fatos gramaticais como “*crase, homonímia, paronímia, homofonia, homografia* etc”. (Grifo da autora) e de regras de acentuação, já que

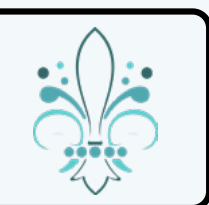
O acento em português é também distintivo, pois serve pela sua posição a distinguir palavras, como em jaca ‘uma fruta brasileira’ e jacá ‘uma espécie de cesto’, caqui ‘a fruta de origem japonesa’ e cáqui ‘cor de poeira’, e assim por diante. É até um processo gramatical de distinguir padrões morfológicos, entre o substantivo proparoxítono e a forma verbal paroxítona, com os mesmos fonemas, do verbo correspondente: rótulo: rotulo (verbo rotular), fábrica: fabrica (verbo fabricar), intérprete: interprete (verbo interpretar). (Grifos do autor) (CÂMARA JR., 1999, p. 63-64)

### 3.1 Proposta de atividade

No 6º ano do ensino fundamental o conteúdo de língua portuguesa é relacionado aos sons da língua e sua organização na sílaba, cuja estrutura é simples – “só possui a base” – ou complexa – “constituída por mais de um fonema” (quadro 1), de acordo com Simões (2006, p. 28), formando encontros consonantais, dígrafos, encontros vocálicos (ditongo, tritongo e hiato), a tonicidade silábica e as regras de acentuação.







Quadro 1 – Algumas estruturas da sílaba

<b>FASES DA SÍLABA</b>	<b>PADRÃO</b>	<b>EXEMPLO</b>
base + declive	Vc	ar
active + base	cV	de
active + base + declive	cVc	par
active + base + declive	cVv	pai
active duplo + base + declive	ccVc	flor
active duplo + base + declive	cvVv	quão
active duplo + base + declive duplo	cvVvc	quais

**Fonte:** SIMÕES, 2006, p. 28.

Depois dessa organização dos fonemas em sílabas, vem a parte da ortografia, momento de diferenciar fonema de letra. O que fazer para que o aluno reconheça essa diferença e entenda os efeitos sonoros de repetição de sons, como rima, aliteração, assonância?

Considerando o fato de que o ensino se pauta na língua em uso, nos diversos gêneros textuais presentes nas práticas de linguagem, cabe ao professor explorar os sons de poemas curtos, como um haikai, de Guilherme de Almeida.



## CIGARRA

Diamante. Vidraça.  
Arisca, áspera asa risca  
o ar. E brilha. E passa.



### *Oficina Artístico-Literária Haikai: a poesia-síntese*

Ao apresentar o texto, o professor proceder da seguinte forma:

- a) Perguntar se alguém sabe o que é um Haikai.
- b) Apresentar a definição.

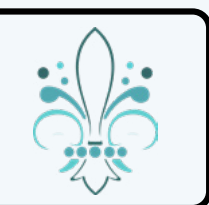
O haikai valoriza o fragmentário e o 'insignificante', o aparentemente banal e o casual, sempre tentando extrair o máximo do significado do mínimo de material, em ultra segundos de hiper-informação. De imediato, podemos ver em tudo isso os paralelos profundos com a estética fotográfica. Esses traços característicos do haikai podem ser transpostos sem nenhuma dificuldade para a fotografia. (LEMINSKI, 1986, p. 115, grifo do autor).



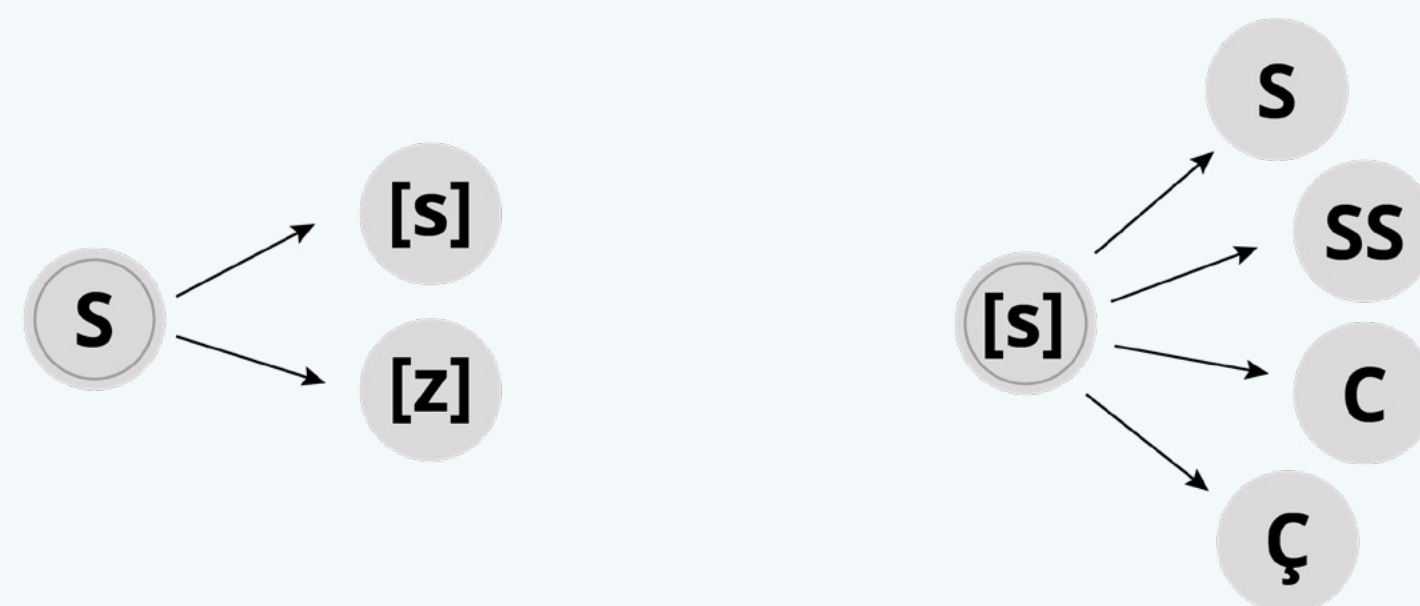


- c) Apresentar uma breve biografia do autor.
- d) Ressaltar que é um gênero textual do campo literário e por isso tem características específicas, como estrutura (texto curto, formado por sentenças curtas, linguagem figurada, com efeitos sonoros (repetição de sons, ritmo).
- e) Explorar o sentido do texto, analisando o que significa cada palavra, inclusive o título. Qual a relação entre a cigarra, o diamante e a vidraça?
- f) Analisar que nesse poema ocorre aliteração dos fonemas [r], [s], predomina o som sibilante do fonema [s], fazendo referência ao som estridente do canto da cigarra. Além da classificação do som, é possível explorar o conceito de letra e fonema apresentando os contextos em que esse som ocorre e quais letras têm esse som.

Por exemplo, a letra S tem som [s] em arisca, áspera e risca, porque está em final de sílaba e antes um som surdo. Na palavra asa , o S tem som de [z], porque, segundo as regras fonológicas da língua portuguesa, está entre duas vogais. Já na palavra passa, o dígrafo SS tem som [s]. Além de uma mesma letra ter som diferente, há na língua um mesmo som (fonema) representado por letras diferentes, como a palavra vidraça em que a letra Ç corresponde ao fonema [s].



**Resumindo:**



- f) Finalizar a análise salientando que independentemente da extensão de um texto, ele apresenta recursos linguístico e discursivo, organizados para a construção de sentidos.

Para que o aluno desenvolva consciência fonológica, de acordo com a BNCC,

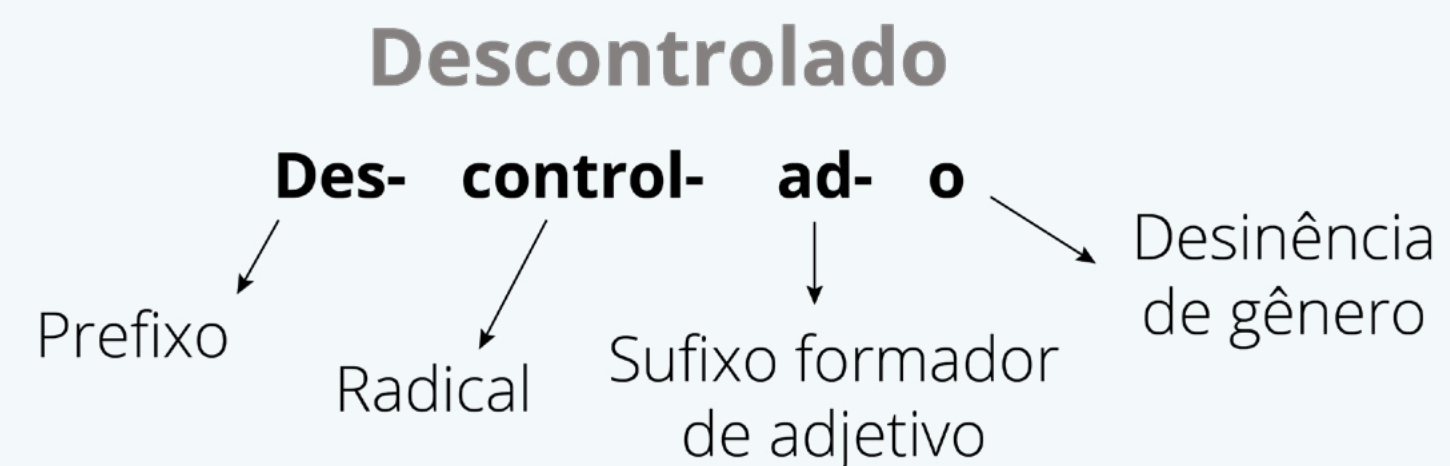
[...] é preciso conhecer as relações fono-ortográficas, isto é, as relações entre sons (fonemas) do português oral do Brasil em suas variedades e as letras (grafemas) do português brasileiro escrito. Dito de outro modo, conhecer a 'mecânica' ou o funcionamento da escrita alfabética para ler e escrever significa, principalmente, perceber as relações bastante complexas que se estabelecem entre os sons da fala (fonemas) e as letras da escrita (grafemas), o que envolve consciência fonológica da linguagem: perceber seus sons, como se separam e se juntam em novas palavras etc. (BRASIL, 2017, p. 92).





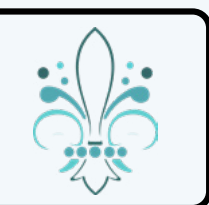
## 4. MORFOLOGIA

O estudo da Morfologia diz respeito às formas que compõem a palavra e suas regras de combinação. Estuda os elementos mórficos que, combinados, segundo alguns processos estruturais, formam um vocábulo. Essas formas são chamadas de morfema, unidade mínima significativa, sendo um palavra ou partes de uma. Em mar, há um morfema e uma palavra, já em descontrolado é possível identificar três formas e uma palavra: des- (prefixo), control- (radical), -ad (sufixo formador de adjetivo) e -o (desinência de gênero).



Identificar essas formas não é o suficiente ao analisar morfológicamente as palavras da língua, é preciso classificar os morfemas em gramaticais e lexicais, saber como são combinados na estrutura da palavra, dependendo da classe a que ela pertence. As gramáticas, usadas em aula, trazem dez classes de palavras, segundo a Nomenclatura Gramatical Brasileiro (NGB).





### Resumindo:

*“Para a NGB, a morfologia trata das palavras*

*a) quanto a sua estrutura e formação,*

*b) quanto a suas flexões e*

*c) quanto a sua classificação.”*

*(LOBATO; FERREIRA, 2013, p. 38)*

Fazer uma análise mórfica é depreender as formas mínimas que compõem uma palavra, então, seguindo esses aspectos apresentados pela NGB, a estrutura da palavra *descontrolada* é prefixo + radical + sufixo + desinência de gênero, sua formação é por derivação prefixal e sufixal, com flexão de gênero feminino, sem marca de número singular e classificada como um adjetivo.

Segundo Câmara Jr., “[...] nessa análise temos de levar em conta o morfema gramatical zero ( $\emptyset$ ), isto é, a ausência de um morfema, num dado vocábulo, que aparece noutra vocábulo e estabelece com o primeiro uma oposição significativa.” (1999, p. 72). Isso acontece com o singular dos nomes portugueses, caracterizado pela ausência do morfema -s de plural, como em *criança / crianças*.

Quanto à classificação de uma palavra, nem sempre é tarefa fácil. Não se analisa só a sua forma, mas a função e o sentido na frase. É preciso recorrer aos critérios morfológico, sintático e semântico.





Tome-se, como exemplo, as ocorrências da palavra *redondo* nas sentenças abaixo:

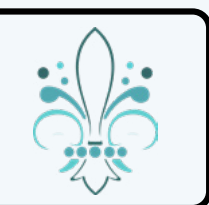
I - A cerveja que desce *redondo*.

II - O planeta terra é *redondo* e achatado nos polos.

A classificação das duas ocorrências só é possível recorrendo à posição que a palavra ocupa na frase e o sentido que adquire em cada posição, ao critério sintático e semântico, para depois identificar os elementos mórficos. Em I, a palavra *redondo* refere-se ao verbo, significando circunstância de modo, logo é um advérbio, formado pelo radical *redond-* e pela vogal temática *-o*; já na ocorrência II, *redondo* tem função predicativa, apresentando uma característica do substantivo planeta, diante disso é classificada como um adjetivo, formado pelo radical *redond-*, a desinência de gênero masculino *-o* e o morfema zero ( $\emptyset$ ), indicando o singular.

Tanto a noção de singular como a de critérios de classificação das palavras, são lacunas deixadas em muitas gramáticas, dificultando a análise dos morfemas.





A morfologia, além de analisar as questões gramaticais, como os morfemas flexionais e classificatórios, também analisa os aspectos derivacionais, relacionados aos processos de formação lexical, composição e justaposição. Além disso, a morfologia lexical explica os fenômenos de polissemia, sinonímia, homonímia. Há casos de palavras que apresentam uma forma (significante) e vários conteúdos (significado). Veja-se o caso da palavra *meia*, no texto abaixo:



### ***Meia, Meia, Meia, Meia ou Meia?***

Como se observa, a palavra *meia* é polissêmica e conseqüentemente, nem sempre terá a mesma classificação gramatical, pois dependerá da posição e função que ocupa na oração e o sentido que adquire em cada ocorrência. Em *“Pronto, tem uma palestra agora na sala meia oito”*, *meia* é um numeral correspondente ao número *seis*; na frase *“Dez reais. Mas estrangeiros e estudantes pagam meia”*, *meia* também é um numeral que indica metade de um número, que nesta ocorrência é a metade de dez, significando então o numeral *cinco*.

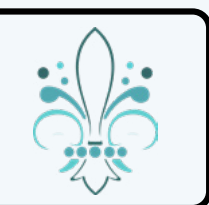




Mesmo meia significando a metade de um número, em cada contexto meia faz referência a um número, como em *“Cuidado para não se atrasar, a palestra começa às nove e meia”*, que se refere à metade da hora, logo significa *trinta*. Com tantas possibilidades de sentido, um estrangeiro não consegue identificar o significado que a palavra adquire em cada situação, levando-o a fazer generalizações como em *“Trinta bocas?”*, já que *nove e meia significa nove e trinta*. A pouca familiaridade com o idioma, levou o angolano a usar a palavra meia como um substantivo próprio, nomeando o bairro *“Isso mesmo, no bairro Meia Boca”*, o que não soou bem à recepcionista, uma vez que ela entendeu que o congressista estava desdenhando do lugar, usando uma expressão idiomática formada por um adjetivo composto *“Não é meia-boca, é um bairro nobre”*.

Muitos professores fazem das aulas de português, aulas de gramática pura, ensinam os conteúdos por meio da gramática normativa, descontextualizada e em frases soltas. Esse conceito de ensino, ao longo dos anos, modificou-se, mudando até mesmo o termo estudo da gramática por Análise Linguística (AL). Conforme Mendonça (2006), “[...] a AL surge como alternativa complementar às práticas de leitura e produção de texto, dado que possibilitaria a reflexão consciente sobre fenômenos gramaticais e textual-discursivos que perpassam os usos linguísticos.” (p. 204). Não quer dizer que será excluído o ensino da gramática nas escolas, porém o que será feito é um estudo baseado na reflexão dos usos gramaticais na vivência do aluno. Somente assim fará sentido o estudo, descartando aquele tradicionalismo de estudar somente a nomenclatura, “é mais uma ferramenta no processo de aprendizagem” (MENDONÇA, 2006, p. 204).



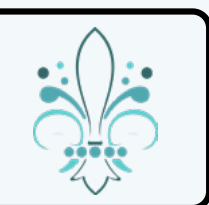


Para este autor “a AL não elimina a gramática das salas de aula, como muitos pensam, mesmo porque é impossível usar a língua ou refletir sobre ela sem gramática” (MENDONÇA, 2006, p. 206). O trabalho contextualizado e realizando a reflexão dos usos linguísticos contribuirá para “[...] a formação de leitores-escretores de gêneros diversos.” (MENDONÇA, 2006, p. 208). A prática de análise linguística é uma complementação “[...] às práticas de leitura, oralidade e escrita.” (PARANÁ, 2008, p. 77).

Pensar dessa maneira é a refletir sobre a linguagem em uso, em funcionamento, nas diferentes modalidades, oral ou escrita, e gêneros diversos. Trabalhando a análise linguística nesse conceito, possibilita ao aluno “[...] a percepção da multiplicidade de usos e funções da língua.” (PARANÁ, 2008, p. 78). A diversidade dos gêneros tanto orais como escritos, é grande, por isso cabe ao professor oferecer aos alunos o maior contato possível com essa diversidade, pois assim “[...] será mais fácil assimilar as regularidades que determinam o uso da língua em diferentes esferas sociais.” (BAKHTIN, 1992, *apud* PARANÁ, 2008, p. 78).

O trabalho de reflexão linguística a ser realizado com esses alunos deve voltar-se para a observação e análise da língua em uso, o que inclui morfologia, sintaxe, semântica e estilística; variedades linguísticas; as relações e diferenças entre língua oral e língua escrita, quer no nível fonológico-ortográfico, quer no nível textual e discursivo, visando à construção de conhecimentos sobre o sistema linguístico. (PARANÁ, 2008, p. 60)





Para saber mais sobre o assunto, leia a Base Nacional Comum Curricular



### ***Base Nacional Comum Curricular***

O Eixo da Análise Linguística/Semiótica envolve os procedimentos e estratégias (meta) cognitivas de análise e avaliação consciente, durante os processos de leitura e de produção de textos (orais, escritos e multissemióticos), das materialidades dos textos, responsáveis por seus efeitos de sentido, seja no que se refere às formas de composição dos textos, determinadas pelos gêneros (orais, escritos e multissemióticos) e pela situação de produção, seja no que se refere aos estilos adotados nos textos, com forte impacto nos efeitos de sentido. (BRASIL, 2017, p. 76)



## 5. FALA E ESCRITA

Após apresentadas as áreas de estudo dos sons da fala e da língua e do estudo da estrutura, formação, flexão e classificação das palavras é pertinente pensar em como utilizar essas informações no processo de ensino-aprendizagem da língua materna, relacionar e adequar os conceitos Fonética, Fonologia e Morfologia à prática pedagógica do professor de língua portuguesa.

Ao ensinar a língua, há que entender que ela se manifesta na modalidade oral e escrita, cada uma delas com suas especificidades. Há muito se pensa que a escrita é sinônimo de língua, desconsiderando o par dicotômico língua e fala apresentado por Ferdinand de Saussure, o que dificulta a aprendizagem da criança no processo de alfabetização, quando a fala não é considerada.

Muito se tem discutido, nos anos recentes, sobre as relações que se estabelecem entre as modalidades oral e escrita no uso da língua. As décadas de 70 e 80 testemunharam uma abordagem dicotômica dos dois fenômenos, que buscava e, por vezes, mistificava, semelhanças e diferenças de um oral tido como puro e de uma escrita tão transparente e pura quanto.” (ROJO, SCHNEUWLY, 2006. p. 464).







Essa relação foi tema de um texto de humor, escrito por Jô Soares (1990):

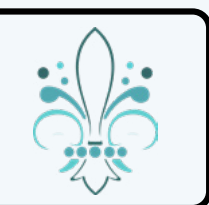
“Português é fácil de aprender porque é uma língua que se escreve exatamente como se fala.”

Pois é. U português é muito fácil de aprender, porque é uma língua que a gente escreveu exatamente como se fala. Não é como inglês que dá até vontade de rir quando a gente descobre como é que se escreveu algumas palavras. Em português não. É só preguiça. O alemão por exemplo. Que coisa mais doida? Não bate nada com nada. Até no espanhol que é parecido, se escreveu muito diferente. Que bom que a minha língua é o português. Quem souber falar sabe escrever.

Agora, falando sério, a nossa língua até que pode ser das mais incongruentes. Basta observar. (Jô Soares. Revista Veja. 28 nov. 1990, p. 19)

O humorista representou graficamente fenômenos de variação do português brasileiro (PB) que ocorrem no nível dos sons, como:

- Apagamento do /R/ em verbos no infinitivo (que, souber, falar, escrever, descobrir)
- Ditongação (português, inglês);
- Nasalização (muito);
- Vogal [o] pronunciada [u] em sílaba átona (porque, como, quando, não, parecido)
- Vogal [e] pronunciada [i] em sílaba átona (de, porque, que, vontade, gente, descobrir, se, escrever, em)



A modalidade escrita não pode ser entendida como uma representação da fala, já que não consegue reproduzir muitos dos fenômenos da oralidade, tais como prosódia, gesto, olhar. Por outro lado, a escrita caracteriza-se por apresentar elementos próprios, ausentes na modalidade oral, como o tipo e tamanho de letras, cores, formatos, que desempenham, graficamente, a função dos gestos, da mímica e da prosódia. Assim, oralidade e escrita são práticas e usos da língua com especificidades e condições distintas de realização, mas não suficientemente opostas para caracterizar dois sistemas linguísticos. Ambas possibilitam a criação de textos coesos e coerentes, permitindo a elaboração de exposições formais e informais, variações estilísticas, sociais, dialetais, entre outras.

Como manifestação da prática oral, a fala é adquirida de modo natural em contextos informais do dia a dia e nas relações sociais que se estabelecem desde o momento em que o bebê tem seus primeiros contatos com a mãe. O aprendizado e o uso da língua natural são uma forma de inserção cultural e socialização. Já a escrita é a manifestação formal do letramento. Ela é adquirida em contextos formais, principalmente na escola, e apresenta caráter de maior prestígio como bem cultural desejável. (ANDRADE, 2011, p. 51)







A análise feita pelo humorista reforça o que afirmam Fávero et. al.:

Parece consenso que a língua falada deve ocupar um lugar de destaque no ensino de língua. A motivação para que essa modalidade seja trabalhada com tal relevo se dá, de um lado, porque o aluno já sabe falar quando chega à escola e domina, em sua essência, a gramática da língua. Por outro lado, a fala influencia sobremaneira a escrita nos primeiros anos escolares, principalmente no que se refere à representação gráfica. (FÁVERO et. al., 2007, p. 10).

A formação do professor de língua portuguesa demanda/requer o conhecimento/domínio de todos os aspectos linguísticos (fonético, fonológico, morfológico, sintático, semântico, pragmático), para auxiliá-lo no processo de ensino-aprendizagem da escrita, pois é comum os alunos apresentarem marcas da oralidade nos textos, prática que precisa diminuir com a intervenção do professor com atividades reflexivas e contrastivas entre as duas modalidades da língua.

## 5.1 Proposta de atividade

Ensinar língua não se limita a explorar nomenclaturas gramaticais, mas a centrar as práticas pedagógicas no texto, sendo necessário considerar tanto os aspectos linguísticos como os discursivos, que envolvem a produção, circulação e recepção.

Isso leva a afirmar que de nada adianta classificar as palavras em categorias gramaticais se o aluno não for levado a analisar essas palavras em uso, nos diferentes gêneros textuais presentes nas práticas de linguagem nas diversas situações sociocomunicativas. Antunes (2007) afirma que:





Não devemos atribuir à nomenclatura um valor que ela não tem. [...] O grande engano é acreditar que vasculhar o terreno das nomenclaturas e exercitar o reconhecimento dos nomes das unidades constitui ensino de gramática e, pior ainda, confere competência a quem ensina e a quem aprende. (ANTUNES, 2007, p. 78-79).

A partir desses encaminhamentos, analisa-se o poema abaixo:



### ***Ai! Se sêsse!... (Zé da Luz)***

- 1) Iniciar a análise pelo título, perguntando aos alunos o que é possível depreender do título. Conduzir a reflexão questionando o uso da interjeição Ai e da conjugação do verbo no pretérito do subjuntivo e o sentido produzido no poema. O aluno deve chegar à conclusão de que as classes gramaticais que compõem o título sugerem um desejo, um plano, um sonho do eu lírico.
- 2) Breve biografia do autor pernambucano.
- 3) Quem é o eu lírico?

Explicar aos alunos que o eu lírico é quem dá voz ao que é dito em um poema, não é o autor, é uma entidade criada pelo autor.





- 4) Pedir que os alunos caracterizem esse eu lírico, por meio da linguagem usada para produzir o poema. Levá-los a compreender que a escolha da norma não padrão da língua é intencional, para evidenciar um eu lírico com grau de escolaridade baixo, sertanejo, que sonha com uma vida melhor. Os verbos irregulares conjugados como regulares reforçam o desconhecimento do sertanejo em relação às regras de conjugação de um verbo irregular.
- 5) Questionar os alunos o porquê do predomínio do modo subjuntivo do verbo. É importante ressaltar o aspecto semântico dos três modos verbais, para que a análise do poema fique mais completa, reforçando que o subjuntivo é usado para transmitir uma situação de incerteza, de possibilidade, cujo sentido é reforçado pela conjunção condicional *se*.
- 6) Observar o sentido ao repetir a conjunção *se*. Como se trata de um sonho do eu lírico, tudo está no campo das possibilidades, por isso a necessidade de usar o modo verbal subjuntivo.
- 7) Identificar as marcas de oralidade no poema, como despalatalização em *impariásse*, troca de “l” por “r” em *quarqué*, *arrezorvesse*
- 8) Analisar o processo de formação dos verbos *arrezorvesse*, *arriminasse*, *impariasse*, *assubisse*, identificando os morfemas (radical, afixos, vogal temática, desinência verbal e desinência nominal).



9) Consultar o dicionário para procurar o significado das palavras que os alunos não souberem e comparar as grafias no dicionário com a do poema. Nesse momento é importante abordar as características da fala e da escrita.

10) Refletir se o uso da língua padrão, na construção do poema, teria o mesmo efeito, se provocaria a mesma sensação no leitor.

Essas são algumas questões a serem exploradas do texto em análise, mas muitas outras podem ser elaboradas. O importante é considerar como o poema foi construído, com qual intenção, em que situação sócio histórica, que grupo de pessoas está representado, etc.

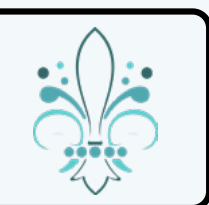
Ao elaborar qualquer atividade, é importante recorrer às orientações da BNCC relacionadas ao desenvolvimento das competências e habilidades das práticas de linguagem.

Estabelecer relação entre fala e escrita, levando-se em conta o modo como as duas modalidades se articulam em diferentes gêneros e práticas de linguagem (como jornal de TV, programa de rádio, apresentação de seminário, mensagem instantânea etc.), as semelhanças e as diferenças entre modos de falar e de registrar o escrito e os aspectos sociodiscursivos, posicionais e linguísticos de cada modalidade sempre relacionados com os gêneros em questão. Oralizar o texto escrito, considerando-se as situações sociais em que tal tipo de atividade acontece, seus elementos paralinguísticos e cinésicos, dentre outros. Refletir sobre as variedades linguísticas, adequando sua produção a esse contexto (BRASIL, 2017, p. 79).

Espera-se que as atividades propostas neste material ajude o futuro professor a organizar a prática pedagógica com atividades mais reflexivas sobre a língua.







## Referências

ANDRADE, M. L. C. V. de O. Língua: modalidade oral/escrita. In: **Universidade Estadual Paulista**. Prograd. Caderno de formação: formação de professores didática geral. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011, p. 50-67, v. 11. Disponível em: [https://aedmoodle.ufpa.br/pluginfile.php/292072/mod\\_resource/content/1/Texto%20da%20Atividade%201.pdf](https://aedmoodle.ufpa.br/pluginfile.php/292072/mod_resource/content/1/Texto%20da%20Atividade%201.pdf) . Acesso em: 25 jan. 2022.

ANTUNES, I. **Muito além da gramática**: por um ensino de línguas sem pedras no caminho. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**: Educação Infantil e Ensino Fundamental. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2017.

CÂMARA Jr. J. M. **Estrutura da Língua Portuguesa**. São Paulo: Vozes, 1999.

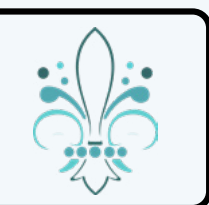
FÁVERO, L. L.; ANDRADE, M. L. C. V. O.; AQUINO, Z. G. O. (org.) **Oralidade e escrita**: perspectiva para o ensino de língua materna. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

FERREIRA, M. N. O.; LOBATO, M. C. A. **Morfologia**. – Belém: editAedi, 2013. v.10. Disponível em: [https://aedmoodle.ufpa.br/pluginfile.php/326188/mod\\_resource/content/1/EAD%20Letras%2010-Morfologia.pdf](https://aedmoodle.ufpa.br/pluginfile.php/326188/mod_resource/content/1/EAD%20Letras%2010-Morfologia.pdf). Acesso em: 06 fev.2022.

LEMINSKI, P. **Anseios crípticos**. Curitiba: Barba Ruiva, 1986.

MARTELOTTA, M. E. **Dupla articulação**: manual de linguística. São Paulo: Contexto, 2011.

MENDONÇA, M. Análise Linguística no ensino médio: um novo olhar, um outro objeto. In: BUNZEN, C.; MENDONÇA, M. (org.) **Português no ensino médio e formação do professor**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006, p. 199-226.



PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. **Diretrizes Curriculares de Língua Portuguesa para os anos finais do Ensino Fundamental e para o Ensino Médio**. Curitiba: SEED, 2008.

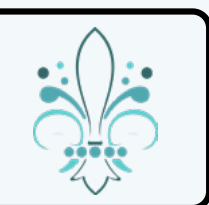
ROJO, R; SCHNEUWLY, B. **As relações oral/escrita nos gêneros orais formais e públicos**: o caso da conferência acadêmica. *Linguagem em (Dis)curso - LemD*, Tubarão, v. 6, n. 3, p. 463-493, set./dez. 2006. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1792743/mod\\_resource/content/1/Rela%C3%A7%C3%B5es%20oral-escrita%20nos%20g%C3%AAneros%20formais%20e%20p%C3%ABlicos.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1792743/mod_resource/content/1/Rela%C3%A7%C3%B5es%20oral-escrita%20nos%20g%C3%AAneros%20formais%20e%20p%C3%ABlicos.pdf). Acesso em: 26 jan. 2022.

SILVA, M. A. B. **Uma contribuição sobre a caracterização do sinal de voz envelhecida**. 2010. Trabalho de Conclusão de Curso. Disponível em: [http://www.ime.eb.br/~labvoz/teses/MarcoSilva\\_Mest\\_UFF\\_2010.pdf](http://www.ime.eb.br/~labvoz/teses/MarcoSilva_Mest_UFF_2010.pdf). Acesso em: 10 de fev. 2022.

SIMÕES, D. **Considerações sobre a fala e a escrita**: Fonologia em nova chave. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

SOARES, J. **Português é fácil de aprender porque é uma língua que se escreve exatamente como se fala**. *Revista Veja*, São Paulo 28 nov. 1990. p.19.





Língua Portuguesa: Fonética, Fonologia e Morfologia - Sandra Mara da Silva Marques Mendes

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO-OESTE DO PARANÁ - UNICENTRO  
NÚCLEO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA - NEAD  
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL - UAB

Maria Aparecida Crissi Knuppel  
**Coordenador Geral UAB**

Claudia Maris Tullio  
**Coordenador Geral Curso**

Cleber Trindade Barbosa  
**Coordenador Geral NEAD**

Denise Cristina Holzer  
**Apoio Pedagógico**

Ruth Rieth Leonhardt  
**Revisão**

Murilo Holubovski  
**Designer Gráfico**

Nikola-Majksner/Unsplash  
**Capa**

Aneeque Ahmed /Nounproject  
Hafiudin/Nounproject  
ProSymbols/Nounproject  
**Ícones**

03/2022

